

FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NA RELAÇÃO BRASIL E ESTADOS UNIDOS

Enildo de Moura Carvalho* - PPG-UNISINOS

A Modernidade, como a reconhece Anthony Giddens¹, “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundial em sua influência”. Esse novo contexto anunciava a emergência de um ser humano empenhado em novos paradigmas, na formação de um novo pensamento desapegado das ortodoxias da Igreja medieval, imersa no ceticismo, na paixão pelo passado clássico, na criatividade renascentista, na revolução protestante da igreja e na produção científica.

Em decorrência disso, os tempos Modernos inauguram um espírito individualizado, cético e leigo, fiador da razão e da nova concepção de sociedade centralizada. No dizer de Gerd Bornheim², “foi a partir de tais posturas que aos poucos se foram codificando os parâmetros de uma sociedade nova”, a sociedade fundada no indivíduo como centro da sociedade. Para Stuart Hall³, a emergência desse sujeito centrado ocorre por meio de discursos e práticas associados à modernidade, cuja nova concepção atribuí ao indivíduo soberano um distanciamento dos tempos pré-modernos em que a tradição vinculava o estatuto de individualidade à ordem secular e divina.

Louis Dumont⁴ também visualiza a formação do indivíduo a partir da renascença, cujo sentimento de rompimento com a tradição medieval se complementa com a redescoberta do classicismo. O autor rememora a antiguidade para dizer que foi em Atenas que teve início a dissipação da névoa que confundia a definição de individualidade à medida em que a razão dava seus primeiros passos no sentido de libertar-se do mito. No entanto, segundo Dumont, a razão surge na mesma época da tradição judaico-cristã, o que permite compreender a formação do indivíduo racional em alinhamento com a ordem cristã.

* Mestrando em História do Brasil pela UNISINOS, bolsista pela CAPES. (enildom@ig.com.br)

Dumont aborda dois conceitos de indivíduo provenientes de culturas diferentes: o individualismo e o holismo. O individualismo é o portador dos valores modernos e supremos da ideologia moderna das sociedades, em geral, ocidentais. Já o holismo se encontra em culturas do tipo indiana, em que o valor predominante se concentra na formação social. Há, nestas sociedades, segundo o autor, uma dinâmica relacional que subtraí os encargos fundamentais do indivíduo. Nesses casos, a formação do indivíduo ocorre à margem da sociedade, como se ele fosse um retirante, um indivíduo-fora-do-mundo que em determinado momento vira as costas para a sociedade à que pertence.

A respeito da formação do indivíduo e sua relação com o Estado Moderno, Gerd Bornheim⁵ salienta a autonomia do homem moderno como base do Estado, que por sua vez, toma o indivíduo por sujeitá-lo, por restringi-lo, conformando assim, a dialética de Bornheim. Ou seja, o indivíduo com espírito de livre iniciativa, contracena com o Estado, seu aparelho doutrinário e seus subsistemas funcionais, com a separação entre igreja e política, economia e política, entre vida privada e pública, segundo o autor⁶.

Aléxis Tocqueville⁷ também refere a fragilidade do indivíduo diante da mão forte do Estado que representa a todos e a todos mantém. A relação que aí se forma, segundo o autor, evidencia, por um lado, a desproporção do indivíduo ao compará-lo com o Estado e, por outro, o seu não estranhamento diante desse desequilíbrio, face à sua postura de aceitação e indiferença por estar vivendo em acanhamentos de pequenas moradias, mas tendo diante dos olhos a grandiosidade de monumentos públicos para admirar. É como se o pensamento dos homens se formasse de maneira flexível, podendo reduzir-se quando está voltado para o indivíduo em si, e estendido, quando o alvo a ser pensado é o Estado, diz o autor. Nos povos democráticos, o indivíduo é independente, o que os torna frágil, pois quase nada consegue sozinho em virtude da própria individualidade que desobriga o seu semelhante a prestar-lhe abrigo. Entretanto, a fragilidade desse indivíduo acaba sendo compensada pela educação que desenvolvem no sentido de se ajudarem livremente, diz o autor.

1. O indivíduo nos Estados Unidos

Ao abordar a formação do indivíduo nos Estados Unidos em seu livro de memórias “A volta do gato preto”⁸, Érico Veríssimo lembra do pioneiro norte-americano e sua ação expansionista para o Oeste. O romancista conta que o alargamento das fronteiras territoriais daquele país ocorreu pela mão obstinada dos colonos recém desembarcados na costa Atlântica provenientes da Europa. Por meio desses imigrantes, plasmou-se o caráter e a civilização do americano nas futuras colônias que se estenderam para o Oeste. O sentimento de individualidade se constituiu nesse contexto, cuja operação de conquista e construção das colônias obrigava o pioneiro a elaborar suas táticas de vida, mudá-las e ajustá-las constantemente, face aos obstáculos a que era submetido, diz o autor.

Érico⁹ observa, nesse desbravador, o ímpeto de quem alia a condição de guerrear, a partir do aprendizado que iam travando no contato com as populações nativas, e da sobrevivência diante das hostilidades da natureza. Na esteira desse americano que foi se formando, emerge o indivíduo de espírito inventivo e prático. Um individualismo dominante que se exerce para o bem e para o mal, sem perder de vista a intenção de liberdade.

Neste sentido, o individualismo americano remonta suas origens e características à modernidade européia, tais como a elevação da fé do indivíduo em si mesmo, na coragem, no recalque ao passado em favor do otimismo pelo futuro. Optam pela grandiosidade de suas obras, em conseguir sempre o sucesso e aproveitar todas as oportunidades. A esse respeito Gerd Bornheim¹⁰ salienta que as principais inovações e transformações das sociedades ocidentais decorrem do indivíduo deslocado da periferia da sociedade tradicional para ocupar um lugar central na sociedade moderna.

Havia também, entre os pioneiros americanos, um sentimento de independência e democracia, um sentido de associação e representação dos indivíduos em comunidades para tratar de interesses comuns. É o princípio associativo, a educação e o conhecimento gerando superação das fragilidades do indivíduo, conforme afirmara Aléxis Tocqueville.

Érico diz que o sentimento de nacionalidade dos Estados Unidos tem suas raízes nessas associações, em que a formação ocorre no seio da educação familiar. No dizer de Bornheim, é na educação¹¹ dos indivíduos integrantes da família que há o reconhecimento do sentimento de universo. Em extensão maior, a consciência de pertencimento que aí se forma se constitui no embrião da nacionalidade que unifica o Estado moderno. Segundo Bornheim¹² “esse processo dialético pressupõe, de um lado, a vigorosa afirmação da realidade individual, tal como foi constituída através dos tempos modernos, e, por outro lado, a realização de um novo tipo de universalidade, que instaura justamente o Estado moderno”– o Estado-nação.

2. O desprezo pelo trabalho racional e a formação dos laços sociais obscurecem a afirmação do indivíduo no Brasil.

Érico Veríssimo não esconde seu desencanto pela formação do indivíduo brasileiro ao afirmar que o individualismo brasileiro se orienta pela ostentação e pelo sentimento exclusivista, ao passo que a sociedade descendente do anglo-americano se caracteriza por um individualismo de natureza cooperativa.

A exemplo dos latinos, visto em linhas gerais, o brasileiro menospreza a convicção no trabalho racional, sua preocupação com o futuro é quase irrelevante, haja vista seu olhar se manter voltado ao passado. Ao invés de mover-se pela fé em si e pelo otimismo, o brasileiro opta pela aventura, pela aposta, como se a vida fosse um jogo. Um jogo exclusivista em que o sentido de equipe, de conjunto, desaparece. Além disso, ele está sempre pronto a dizer que não é homem para fazer determinadas atividades, em oposição ao americano, para quem toda forma de trabalho é bem vinda, diz Veríssimo.

Neste mesmo sentido, Vianna Moog salienta em “Bandeirantes e Pioneiros” que esse indivíduo brasileiro, de caráter quase oposto ao americano, pode ser reconhecido na imagem do mazombo. Segundo Moog, o mazombo é um sujeito que se caracteriza pela formação contraditória face à herança cultural desajustada produzida pelo cruzamento

pecaminoso do bandeirante com negras ou nativas da terra. Para o mazombo, o sentido para a existência não reside nas possibilidades de edificação da vida na colônia, antes sim, nos referenciais europeus, no passado de seus pais e avôs. Daí sua postura de inconformidade e alienação às coisas do Brasil, diz o autor. No que dependesse do mazombo, os princípios de afirmação da civilização e de bem-estar, no Brasil, ficavam comprometidos.

Enquanto o pioneiro americano é leitor da bíblia, seja católico ou protestante e, faz de sua casa uma oficina ou laboratório, o mazombo tem vexame ao trabalho, ostenta desprezo pelo dinheiro, prioriza o jogo e a caça desenfreada pela fêmea. Enquanto nos Estados Unidos o pioneiro se encaminha para a consolidação da sociedade em estado de autonomia, em seus diversos segmentos, como a livre competição comercial e o gradual predomínio da cidade em relação ao campo, no Brasil ainda prevaleciam os valores tipicamente medievais, ou um misto de modernismo e feudalismo, o que desfavorece a afirmação do individualismo, diz Moog¹³.

Para Veríssimo, o déficit do Brasil em relação aos valores da modernidade, como a afirmação do indivíduo, se deve à predominância da tradição ibérica na formação da sociedade brasileira. Por conta dos interesses portugueses, a colônia brasileira se manteve sob um sistema monopolista, cujo maior efeito foi a retração à liberdade de comércio e o empreendimento industrial. Veríssimo salienta que os ibéricos nunca foram hábeis na produção e condução de máquinas. Além disso, também não havia predisposição à emergência do indivíduo nas empresas desbravadoras do Oeste brasileiro pelos bandeirantes, tudo era feito sem ordem, ao sabor da aventura, do espírito romântico e improvisador do português.

Entretanto, o autor não deixa de reconhecer, no interior dessa mesma tradição, a presença de expressões que somam de forma positiva no caráter da sociedade brasileira. É o caso da falta de preconceito de cor, a boa índole da maioria da sociedade, o horror do brasileiro à violência, a presença de uma espécie de sentimento de solidariedade e sabedoria da vida. Por este viés, Érico lembra ainda de quanto gostoso é o costume das

gentes das cidades do Brasil em passear ao redor das praças em dias de folga ou de descanso, sem demonstrar pressa, discutindo política, mulheres, futebol e imortalidade da alma. Apesar disso, falta ao brasileiro um sentido de responsabilidade social, que é suprido pela educação regular, assegura Veríssimo.

Nessa perspectiva, Érico Veríssimo¹⁴ parece somar-se ao pensamento de Dumont, quando este afirma que “com o predomínio do individualismo contra o holismo, o social nesse sentido foi substituído pelo jurídico, o político e, mais tarde, o econômico”. A expressão de Veríssimo, nesse caso, identifica a formação brasileira embebida no social em detrimento da evocação do indivíduo.

O romancista não relaciona a sociedade brasileira à sociedade holista, conforme definição de Louis Dumont, no entanto, a constituição do indivíduo no Brasil, segundo Veríssimo, só é visível em condição minoritária, o que poderia aproximá-lo do sujeito-fora-do-mundo – o indivíduo da sociedade holista de Dumont – ou seja, o sujeito que se faz indivíduo na medida em que volta as costas para a sociedade à qual pertence.

Ao pensar a constituição do indivíduo brasileiro, Roberto da Matta também se encaminha pela via comparativa com o norte-americano, ao seguir o alinhamento da formação religiosa das duas sociedades, o que aproxima seu olhar de Veríssimo e Moog. Segundo Da Matta¹⁵, o Brasil se mantém tradicional, ao passo que países como os Estados Unidos, cuja religião protestante fez surgir a ética do trabalho e do corpo em igualdade com a alma, daí o individualismo – em função dele é que as relações sociais pautam sua regulação – no Brasil, país católico, a “alma continua superior ao corpo, e a pessoa é mais importante que o indivíduo”, daí a relevância das relações sociais em que a expressão “indivíduo” denota desprezo. Isso impõe à sociedade uma segmentação tradicional

Considerações finais

A exposição comparativa de Érico Veríssimo e Vianna Moog entre Brasil e Estados Unidos a respeito da formação do indivíduo evidencia um olhar hierarquizado dos autores acerca da formação desses países.

O romancista revela um certo deslumbramento em sua exposição. É como se ele fosse tomado pelo estranhamento diante do diferente – o americano – e o vê como exótico, dotado de natural superioridade. Segundo Érico, a inferioridade do brasileiro, especialmente no que refere a incapacidade de fazer emergir o indivíduo, como tal vigora na sociedade norte-americana, decorre do desajuste do Brasil em relação ao projeto da modernidade.

Por extensão, Veríssimo¹⁶ reconhece duas Américas – a América puritana, “onde lei é escrito com ‘L’ maiúsculo e desenvolvimento leva o nome de Boom”. É de comum acordo a Veríssimo e Moog o entendimento de que o calvinismo viabilizava a pluralização das inovações europeias e suas implicações à formação do mundo ocidental, enquanto o catolicismo brasileiro assume o posto da inferioridade, da tradição, cuja ordem visa condenar a inovação, a produção e a lucratividade. Essa compreensão hierarquizada também está presente em Tocqueville¹⁷, quando ele afirma que as colônias transformadas em impérios na América do Sul detêm os movimentos sociais e desolam seus territórios minimamente habitados, devido ao despotismo e às guerras civis em que se acham em volta no século XIX. Segundo o autor, a América do Sul é cristã e depositária dos mesmos ideais de civilização, portanto, traz consigo o exemplo europeu e sobretudo, americano, o que torna injustificável sua permanência na condição de barbárie.

É possível perceber que há uma oposição binária entre a tradição e o moderno, acrescido de uma perspectiva classificatória em que uma das culturas – a moderna – é valorizada em demérito da outra. “Um é a norma, o outro é (outro), visto como desviante ou de fora”, no dizer de Kathryn Woodward¹⁸. Pelo ângulo das identidades, observa-se que o olhar dos autores transita sob uma perspectiva relacional, a exemplo das identidades que se reconhecem na disposição também relacional – nós e eles. Woodward diz que “a diferença, nesse caso, atua como uma marcação simbólica relativa a outras identidades”.

Na comparação de Moog e Érico, a diferença se faz pela exclusão, pela negatividade da formação do indivíduo no Brasil. Daí seu déficit em desenvolvimento e modernização frente ao norte-americano. A par desse olhar, também parece válida a

afirmação de “que a identidade dos brasileiros é construída em cima do que lhes falta e não do que eles são”¹⁹.

Notas

¹ GIDDENS, A. (1990). *As Conseqüências da Modernidade*. In: SANTOS, B. S. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 1996, p 11.

² BORNHEIM, Gerd. *Natureza do Estado moderno*. In: Novais, Adauto (org). *A crise do Estado-nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp.208 – 227. p. 212.

³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 25.

⁴ DUMONT, Louis. *O individualismo: perspectiva antropológica ideologia moderna*. RJ: Rocco, 2000. p. 35 – 62.

⁵ BORNHEIM, Gerd. *Natureza do Estado moderno*. In: Novais, Adauto (org). *A crise do Estado-nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp.208 – 227. p. 210.

⁶ Alain Touraine diz que “não existe modernidade sem racionalização, mas também não sem formação de um sujeito no mundo que se sente responsável perante si mesmo e perante a sociedade”. TOURAINE, Alain. *A Crítica da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 215

⁷ TOCQUEVILLE, Aléxis. *A democracia na América*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987. p. 354 e 392.

⁸ VERÍSSIMO, Érico. *A Volta do gato preto*. São Paulo: Globo, 1998. p. 433.

⁹ Idem, 436.

¹⁰ BORNHEIM, Gerd. *Natureza do Estado moderno*. In: Novais, Adauto (org). *A crise do Estado-nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp.208 – 227. p. 210 e 211.

¹¹ Segundo Touraine a educação escolar assume papel decisivo na formação do indivíduo e sua relação com a sociedade. O autor afirma que a educação deveria prover a disciplina e libertar a criança da irracionalidade, da visão estreita que lhe impõe sua família e suas próprias paixões. A escola, espacialidade em que se confere o saber, garantia à abertura para a racionalidade, organizava o progresso fundado numa sociedade de princípios também racionais. O professor, detentor do conhecimento douto, se punha como mediador entre os valores universais de verdade.¹¹TOURAINE, Alain. *A Crítica da modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p. 20.

¹² BORNHEIM, Gerd. *Natureza do Estado moderno*. In: Novais, Adauto (org). *A crise do Estado-nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, pp.208 – 227. p. 219.

¹³ MOOG, Vianna. *Bandeirantes e Pioneiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. p. 132.

¹⁴ VERÍSSIMO, Érico. *A Volta do gato preto*. São Paulo: Globo, 1998. p. 91.

¹⁵ MATTA, Roberto da. *Carnavais, Malandros e Heróis*. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 178 e 179.

¹⁶ VERÍSSIMO, Érico. *A Volta do gato preto*. São Paulo: Globo, 1998. p. 31.

¹⁷ TOCQUEVILLE, Aléxis. *A democracia na América*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1987. p. 310.

¹⁸ WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução conceitual*. in: SILVA, Tomaz Tadeu (org). *Identidade diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 50 – 51.

¹⁹ RODEGHERO, Carla Simone. A dinâmica da diferença: uma análise do olhar norte-americano sobre o Brasil no início da década de 1960. *História: Debates e tendências*, UPF, Passo Fundo, v. 4, n. 1, p. 129, jul. 2003